

SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

SAINT SEBASTIAN OF RIO DE JANEIRO

João Baptista Ferreira de Mello

Doutor em Geografia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/IGEOG
neghario@uol.com.br

Resumo

O texto explora a devoção ao padroeiro da cidade do Rio de Janeiro no âmbito das toponímias, no universo das canções e no campo dedicado aos templos sebastianos desde os primeiros séculos de colonização até os dias atuais. Trata-se de outro esforço de compreensão da alma carioca e de sua geografia.

Palavras-chave: São Sebastião. Rio de Janeiro. Geografia Humanística. Toponímias. Música Popular.

Abstract

The paper explores the devotion to the patron saint of the city of Rio de Janeiro in the scope of the toponyms, the universe of songs and the dedicated field to sebastians temples from the first centuries of colonization to the present day. This is another effort to understand the carioca's soul and its geography.

Keywords: Saint Sebastian. Rio de Janeiro. Humanistic Geography. Toponyms. Popular Music.

Introdução

Com nome e sob as bênçãos de São Sebastião, este Rio prossegue o seu curso de fé, amor, trabalho, garbo e beleza. Trata-se de uma cidade dos cruzamentos na qual a “socialite” fala a mesma gíria do “flanelinha” e os ricos moram ao lado dos menos afortunados.

Evidenciemus o passado remoto da urbe carioca: no século XVI os portugueses rogaram proteção a São Sebastião contra as flechas indígenas e as estratégias francesas. Saltemos no tempo: em 2000, no ritmo da canção “Sebastian” Gilberto Gil e Milton Nascimento juntaram seus talentos e entoaram: “Sebastião / diante de tua imagem/tão castigada e tão bela / penso na tua cidade / peço que olhes por ela ...”. Estamos destacando o mártir Sebastião nascido em 256 dC, e segundo a tradição, morto em 20 de janeiro de 288, por ordem de Dioclesiano.

Sua imagem atlética de soldado da guarda de Dioclesiano pode conduzir a outros olhares, a tal ponto que os grupos gays o veneram como um ícone. No entanto, sua imagem desnuda resulta de martírio, vergonha e expiação, nos idos do século III, quando foi flechado e morto por ser cristão.

No Rio de hoje, uma enorme e admirável imagem domina a Praça do Russel, na Glória, em pleno Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Mais do que isso: igrejas foram edificadas em sua honra seja em Bangu, na Tijuca (Capuchinhos) ou na Esplanada de Santo Antônio, justamente a Catedral Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro. A parte exterior desta, um gigantesco cone, de autoria de engenheiros da PUC, cada quadrado ou retângulo simboliza um fiel se dirigindo aos céus. Do outro lado, as Torres Gêmeas Ventura Corporate espelham a grandeza deste sagrado lugar. O interior, pleno de simplicidade e gigantismo, conduz à ideia da pequenez do homem diante da obra do Senhor. E, no centro, pairando sobre o altar, um enorme e magnífico Crucifixo abençoa fiéis e visitantes, bem como protege e sagra o templo em cuja parte superior uma cruz transparente a 75 metros de altura contribui para iluminar este glorioso santuário.

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, muito embora tenha envergado honrarias e títulos como os de capital da Colônia, do Reino, do Império e da República, afora substituindo ou acoplado à sua toponímia o de Cidade Maravilhosa, desconcertantemente, por muito tempo, não dedicou um lugar, por excelência, para o templo do seu padroeiro.

Consideremos, nas passagens seguintes, o espaço urbano carioca no trato de sua gente, mais especificamente na boca do povo, ao lado da toponímia oficial da cidade do Rio de Janeiro. Como se sabe, o carioca, com particular sapiência, mutila ou acrescenta vocábulos, apelidos e denominações ao seu lugar vivido.

Toponímias da Sebastianópolis

Via-de-regra, as pessoas distinguem o(s) seu(s) mundo(s) vivido(s) com apelidos e nomes informais. E a Cidade Maravilhosa se insere, orgulhosamente, neste conjunto. Mas, convém frisar, tais envolvimentos que brotam com a experiência, a confiança e a afeição revelam intimidade que, na acepção da palavra, é a qualidade do “que está muito dentro” ou o “que atua no interior”. Por isso mesmo, os lugares são entes queridos merecedores de considerações especiais. O homem, também, experiência locais nomeados por outros e a ele passados, seja pela educação informal ou aqueles forjados pela administração pública. Designar com nomes, na tradição judaica, significa ter domínio. Os seres humanos dotam com qualificativos as montanhas, os rios, as províncias e os continentes. Essa relação de domínio e intimidade é preciosa, pois contribui para os estágios de pertencimento e interiorização, relevantes no processo de amor ao lugar vivido, ou seja, à sua própria geografia (TUAN, 1983, 1984; FERREIRA DOS SANTOS, 1987; MELLO, 1991, 2000).

No Rio de Janeiro, a fértil criatividade de seu povo reflete-se, igualmente, através do repertório oral. A cidade conjuga em sua toponímia a referência a um acidente geográfico e ao mês no qual foi primeiramente aportado pelos brancos na aurora do século dezesseis. Sua origem, no entanto, carece de sustentabilidade, na medida em que, os lusos, exímios cartógrafos e desbravadores de terras e mares até então incógnitos, dificilmente confundiriam a estreita entrada da baía de Guanabara com a foz de um curso fluvial. Neste contexto, seria pertinente lembrar que, o vocábulo rio, no idioma português arcaico, era sinonímia de barra, possuindo uma amplitude semântica superada na atualidade, ou até mesmo podendo confundir-se, mais remotamente, à ideia de ria, braço de mar com recortes profundos que se presta à navegação. Seu nome composto

singra, igualmente, ambiguidades por contemplar o mês inaugural de cada ano, prática inusitada entre os portugueses. Na realidade, assim procediam os franceses nomeando os lugares com datas. De toda sorte, foram os franceses, humanistas-protestantes, determinados em promover a utopia tropical da França Antártica que criaram a Henriville, situada nos domínios de Uruçumirim, atual bairro do Flamengo, e nas ilhas do recôncavo da Guanabara (COSTA, 1965; GERSON, 2000; MARIZ e PROVENÇAL, 2000; FERREIRA DOS SANTOS, 2003; ELMALAN, 2004).

Neste turbilhão, o Rio de Janeiro foi forçosa e oficialmente fundado pelos portugueses nos idos de 1565. O evento tinha como meta eliminar os arroubos do projeto francês de uma civilização plena de respeito às diferenças e sob o comando do católico Villegagnon, que entendia ser possível a união entre os seguidores das igrejas cristãs, a partir desse período vivendo os embates da Reforma.

A posição da urbe era extraordinária, porquanto na entrada da baía era possível avistar os intrusos estrangeiros, bem como os indígenas, afora um efetivo controle da Guanabara. Ao lado disso, se derrotados, os portugueses poderiam escapar pelo Oceano Atlântico. No entanto, a exiguidade do sítio provocou a transferência da cidade para a encosta do morro do Castelo, cercado de áreas alagadiças e o próprio mar, um observatório natural, por excelência, de grande serventia para as estratégias militares (LESSA, 2000). A efeméride aconteceu justo em 20 de janeiro de 1567, momento da expulsão dos invasores franceses, somada à submissão indígena e dia daquele do padroeiro da cidade legalmente intitulada de São Sebastião do Rio de Janeiro. Mais que uma homenagem ao infante Dom Sebastião e ao santo, os lusitanos, assim, recorriam ao soldado-mártir, morto a flechadas, e suplicavam sua proteção contra as armas de arremesso dos autóctones da Terra de Santa Cruz, estabelecidos no entorno da sinuosa baía de Niterói (água escondida), mais tarde, Guanabara (MELLO, 1991; LESSA, 2000).

No vale do Rio de mistérios, encantos, tempos, ambivalências, obras, desesperanças e amores desmedidos, a cidade ganhou expressão graças à diversidade de sua fauna e flora, ao talento de seu povo, aos delírios e ações dos persistentes aterros, derrubada de

elevações, abertura de túneis e desbravamento no âmbito de sua organização espacial. Fonte e desaguadouro de uma cultura que pulsa e ecoa por todo o país, nesta torrente de trabalho, conflitos, paixões e a lida trivial do mundo vivido floresceram centralidades de diversos portes, esferas e escalas, bem como símbolos de toda ordem. Seguindo o rumo desse Rio procuramos desvendar alguns meandros, tributários e formações insulares cujas áreas de querência abrangem corações e mentes de indivíduos e grupos sociais. Envoltos em uma ciranda de movimentos e pausas procuramos focar a força impetuosa e afetiva que assumiu expressão na alma do povo do Rio e daqueles que comungam com a sua grandeza. Nesse curso, prossigamos não apenas com este corte afetivo, prático e rápido, quando o carioca resume o espaço carioca apenas à palavra Rio ou de maneira pomposa, altiva, ao conciliar ao nome oficial da urbe à expressão cunhada por Coelho Neto e referendada nos acordos de André Filho na pomposa e fabulosa toponímia Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro, agregando celebração, santidade, beleza e intimidade.

Nesta Sebastianópolis encontram-se marcas nos nomes das antigas freguesias, persistem nos logradouros e nos estabelecimentos comerciais ou de serviços. Por outro lado, os templos dedicados a São Sebastião assistiram a mudanças extraordinárias na forma, na função, no processo e no significado com respeito ao espaço urbano imediato de suas cercanias. Neste conjunto inserem-se desmontes de morros, aterros de mangues, lagos e avanço sobre o mar. As igrejas sofreram ou foram beneficiadas e/ou reestruturadas em razão dos embates provocados pela tirania das reformas urbanas, além de transformarem-se em referenciais geográficos, sendo utilizadas como indicadores nas informações entre os transeuntes. Seus entornos foram ou permanecem sendo palcos de manifestações como paradas militares, desfiles de escolas de samba, concentração e passeatas de cunho reivindicatório/político, afora lugares de quermesses, procissões, negócios e o tradicional balé do lugar, empreendido por pessoas e veículos, na dinâmica coreografia exercida no vai e vem cotidiano (SEAMON, 1980; MELLO, 1991).

Entoando Cânticos a São Sebastião

Na confluência dos tempos-lugares, no campo da música, o nome do santo foi entoado em hinos religiosos e em canções populares. No ano do 4º Centenário, o compositor Billy Blanco no samba “Rio do Meu Amor” arrolou os santos de forte devoção da cidade: “... Rio de São Sebastião / São Jorge / Cosme e Damião ...”. Mais tarde, em 1989, João Nogueira e Paulinho Cesar Pinheiro anunciaram: “... Rio de Janeiro / salve São Sebastião! / santo padroeiro / samba, amor e tradição ...”, no samba enredo que o Grêmio Recreativo Tradição defendeu na “avenida”. Neste mesmo ano, Aldir Blanc, Moacyr Luz e Paulo Cesar Pinheiro, juntaram-se confiantes na chegada de melhores momentos e “... tomados de compaixão ...” pelas chagas abertas da cidade e em seu padroeiro, preceituam no samba-hino “Saudades da Guanabara: “... Brasil/ tira as flechas do peito do meu padroeiro/ que São Sebastião do Rio de Janeiro/ ainda pode se salvar”. No ano de 2000, na homenagem-súplica de dois ícones da música popular brasileira, Milton Nascimento e Gilberto Gil, os compositores falam dos infortúnios vividos pela cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e na busca incessante de melhores rogam proteção ao santo padroeiro: “Sebastian, Sebastião / diante da tua imagem / tão castigada e tão bela / penso na tua cidade / peço que olhes por ela/ cada parte do teu corpo/ cada flecha envenenada/ flechada por pura inveja/ é um pedaço de bairro/ é uma praça do Rio/ enchendo de horror quem passa / ôô cidade, ôô menino/ que me ardem de paixão/ eu prefiro que essas flechas/ saltem pra minha canção /livrem da dor meus amados/ que na cidade tranquila/ sarada cada ferida/ tudo se transforme em vida/ canteiro cheio de flores/ pra que só chorem, querido, / tu e a cidade, de amores”. Desse modo, em “Sebastian” Milton Nascimento e Gilberto Gil, repetindo o recurso e a devoção dos portugueses, do século XVI, apelam ao santo: “Sebastian, Sebastião/ diante da tua imagem/ tão castigada e tão bela/ penso na tua cidade/ peço que olhes por ela ...” estabelecendo elos entre o sofrimento do mártir e as cicatrizes existentes na cidade ao final do milênio. Na música Milton e Gil fazem uma analogia entre as chagas e as formosuras contemplativas do santo e as da cidade “tão castigada e tão bela ...”, para em seguida afirmarem: “penso na tua cidade / peço que olhes por ela ...”.

Nesse ato conciliatório entre o sagrado e o profano lembram: “cada parte do teu corpo/ cada flecha envenenada/ flechada por pura inveja/ é um pedaço de bairro/ é uma praça do Rio/ enchendo de horror quem passa ...”. E, acreditando no recebimento da graça requerida, prosseguem otimistas e enlaçados com a gente do Rio: “... ôô cidade, ôô menino/ que me ardem de paixão/ eu prefiro que essas flechas/ saltem pra minha canção/ livrem da dor meus amados ...”. Milton e Gil ainda se permitem firmar uma analogia entre a cidade curada de seus males e, portanto, sadia, festiva e próspera, e a imagem de um santo sarado, referência a um corpo olímpicamente moldado como exibido pela imagem do militar transformado em São Sebastião: “... que na cidade tranquila / sarada cada ferida / tudo se transforme em vida / canteiro cheio de flores / pra que só chorem, querido, / tu e a cidade, de amores”. Assim, a canção de Milton Nascimento e Gilberto Gil insere-se no conjunto das medidas de resgate, uma espécie de toporreabilitação (TUAN, 1980), para que a urbe volte a exibir a imagem, a segurança e as bênçãos de um passado atrativo e pródigo em meio à sua eterna beleza conjugada pelas construções humanas e a sua afortunada e admirável natureza.

Do mundo das toponímias e do universo das canções, contemplemos um conjunto de templos sebastianos apreciando esses artefatos, frutos do trabalho humano, como elementos relevantes para a compreensão da gênese, expansão e entendimento da Área Central do Rio de Janeiro e de sua periferia imediata.

A geografia, como apontou Cosgrove (1998) “está em toda parte” e, naturalmente, nesses monumentos de fé, encontros e sociabilidade. Trata-se de uma temática que conecta o urbano ao sagrado e uma contribuição com vistas ao reconhecimento do “sagrado como elemento de produção do espaço” (ROSENDAHL, 1998, p. 13), transcendendo tal condição e transbordando sua aura pelo entorno imediato.

Ao longo do tempo, as igrejas marcaram o espaço urbano carioca, seja na simplicidade exibida pelo “templo de palha”, criado por Estácio de Sá, situado no arraial da Cidade Velha, no atual bairro da Urca, seja na imponência majestática da Catedral

Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro plantada na Esplanada de Santo Antônio (LATIF, 1965; SIQUEIRA, 2003).

Identifiquemos e consideremos todo um turbilhão de solenidades religiosas e profanas, focalizando o espaço interno dos centros de devoção e espiritualidade em destaque e o espaço profano circundante “desprovido de sacralidade”, situado “estrategicamente ao ‘redor’ e em ‘frente’ ao espaço sagrado” (ROSENDAHL, 1999, p. 239). Nestas circunstâncias, as igrejas, alçadas a verdadeiros símbolos da cidade, e seus espaços profanos adjacentes confundem-se com a própria alma/cultura/história/geografia da cidade do Rio de Janeiro.

As Catedrais de São Sebastião do Rio de Janeiro

O templo dedicado ao padroeiro do Rio de Janeiro recebeu endereços diversos, seja acompanhando o poder, derramando sua dinâmica pelo espaço circundante ou condicionado pelas metamorfoses ocorridas na cidade. De toda sorte, tornou-se referência, centro de espiritualidade e lugar de bem querência no espaço urbano carioca.

As catedrais de São Sebastião marcaram os lugares do Rio de Janeiro, vale repetir, seja na simplicidade exibida pelo templo de palha, criado por Estácio de Sá, situado no arraial da Cidade Velha, seja no alto do morro do Castelo, ou provisoriamente, de 1734 a 1737, na igreja da Santa Cruz dos Militares, ou ainda, excepcionalmente, de 1737 a 1808, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, na antiga Rua da Vala, atual Uruguaiana, em seguida, no templo de Nossa Senhora do Carmo, de 1808 a 1976, na rua Primeiro de Março ou, finalmente, a partir de 1976, na imponência dominada pelo concreto da atual Catedral de São Sebastião do Rio de Janeiro, fincada em plena Esplanada de Santo Antônio.

O primeiro templo (de palha), dedicado ao santo protetor e padroeiro da cidade, foi construído por Estácio de Sá, em 1565, na entrada da baía de Guanabara, em meio às estratégias de defesa, controle e conquista da Coroa Portuguesa. O Rio de Janeiro, na verdade, foi fundado em 1º de março do referido ano, como reação à permanência dos

franceses desde 1555, nas ilhas da baía de Guanabara e parte do continente. Eram eles, em sua maioria, protestantes, ou huguenotes, para usar o termo pejorativo inicialmente veiculado pelos católicos. Como se sabe, o século XVI notabilizou-se, entre outros fatos relevantes, pela Reforma que, na França, encontrou grande resistência e provocou um derramamento de sangue entre os seguidores do catolicismo e do protestantismo embrionário. Insurgindo-se contra o Tratado de Tordesilhas, de 1494, propugnando a divisão do mundo entre Portugal e Espanha, os franceses ensejavam criar uma França Antártica nos trópicos. Para tanto, a aliança com os índios tamoios foi de grande valia.

Como reação à presença dos franceses, D. João III ordena que seja assentada uma cidade na entrada da baía de Guanabara, entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar. Tratava-se, na verdade, de um arraial, mas com distinção de cidade, diretamente vinculada ao Rei de Portugal. O soberano consagrou a cidade a São Sebastião – e em homenagem ao Infante Dom Sebastião – rogando ao soldado tornado mártir e morto a flechadas, proteção para os portugueses, tendo em vista que muitos morreram, da mesma forma, em combate. O local escolhido permitiria aos portugueses controlarem a baía e, em caso de derrota, escaparem pelo Oceano Atlântico. A posição, em termos militares, era perfeita, mas o sítio complicado e diminuto. Com o crescimento da cidade, dois anos mais tarde, o Rio de Janeiro foi transferido para um outro ponto estratégico: o morro do Castelo (LATIF, 1965; LESSA, 2000; ABREU, 2010).

A edificação da cidade, na mencionada elevação, foi uma outra demonstração geopolítica dos portugueses. A transferência ocorreu em 20 de janeiro de 1567, dia do padroeiro, bem como da expulsão dos franceses e submissão indígena. Do alto deste observatório natural, cercado de áreas alagadiças e o próprio mar, podia-se avistar qualquer investida de invasores ou de seus aliados. Neste “berço da cidade”, ponto ideal para a conquista da baía e da cidade, fazia-se justiça em nome do Rei e nele foram erguidos o Colégio dos Jesuítas, fortificações, a cadeia e, entre outros artefatos, a igreja de São Sebastião (LATIF, 1965; SANTOS, 1988; ABREU, 1997, 2010; LESSA, 2000). Esta, contudo, em meados do século XVII apresentava um aspecto deplorável. Sua demolição, no entanto, não foi permitida por D. João V, em razão de seu valor histórico e por acolher o marco da fundação da cidade e as cinzas do seu fundador Estácio de Sá.

Mesmo assim, o Rei de Portugal autorizou a mudança da Sé para outra casa de orações. Por fim, em 1734, após diversas propostas e sem recursos para a construção de um novo templo, a igreja da Santa Cruz dos Militares passou a abrigar a Catedral de São Sebastião do Rio de Janeiro.

A distinção de Catedral, para a igreja da Santa Cruz dos Militares, ocorreu, provisoriamente, de 1734 a 1737. Tratava-se de uma capela, levantada por uma irmandade militar, à beira mar e junto ao extinto Forte de Santa Cruz, situado nas margens da Rua Direita, atual 1º de Março, tradicional e relevante logradouro do Rio Colonial, conexão estabelecida entre os morros do Castelo e de São Bento. Fixada no mesmo local, a partir de 1780, a atual igreja dos militares, tombada pelo patrimônio público, foi consagrada como templo religioso em 1811 (TELLES, 2001; SIQUEIRA, 2003).

Com a Santa Cruz do Militares perdendo a honraria de igreja matriz, entre 1737 e 1808, a condição de catedral coube, de maneira inusitada, à igreja das irmandades dos negros livres e escravos aglutinados no templo dedicado à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, na rua da Vala, atual Uruguaiana.

No ano de 1808, depois de receber a Família Real, para o agradecimento da viagem transoceânica bem sucedida, em seu lugar sagrado e em razão das desavenças entre as irmandades negras e o cabido, o templo, das confrarias negras, perdeu a qualificação de centro do bispado. O Rio de Janeiro ganhou uma Capela Real, mais tarde, Imperial, transformada em Sé, situada na confluência das ruas 1º de Março, Sete de Setembro, Carmo e Praça XV. Este edifício sagrado passou por diversas obras de ampliação, requinte e reforma. Em seu interior, em 1º de dezembro de 1822, ocorreu a coroação de D. Pedro I. Um século depois, no ano do centenário de independência do país, mais exatamente em 20 de janeiro de 1922, dia de São Sebastião, foram transladadas para a Catedral do Rio de Janeiro relíquias históricas ainda guardadas no templo do morro do Castelo demolido neste ano, tais como a imagem do padroeiro vinda de Portugal no século XVI, as cinzas de Estácio de Sá e o marco simbólico da fundação da cidade, solenidade esta de grande impacto popular, ocorrida com muita pompa e contando com

a presença do Prefeito da época Carlos Sampaio, o Presidente da República Epitácio Pessoa e representantes de diversos órgãos oficiais.

Finalmente, após estar sediada, em um dos endereços mais tradicionais e requisitados da cidade do Rio de Janeiro, entre 1808 e 1976, a Sede do Bispado foi transferida e sagrada, neste último ano, na Esplanada de Santo Antônio, em um descampado fruto da demolição parcial do morro homônimo, mutilação esta ocorrida na administração Dulcídio Cardoso, em 1954. Inaugurado em colossal estilo cônico, o templo diferencia em muito da forma tradicional dos templos católicos. No entanto, se as torres das igrejas tradicionalmente indicam a elevação do espírito ao Senhor, a pirâmide etrusca ou cone repleto de retângulos sugere, igualmente, no conjunto de sua edificação, a mesma mensagem: os fiéis se dirigindo aos céus.

A grandiosidade deste centro religioso – em comunhão com os tempos modernos – no qual prevalecem o concreto e a simplicidade dos assentos, na imensidão de seu interior, induz ao fiel a ideia de sua pequenez diante da obra de Deus. Segundo a Mitra, a Catedral Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro pode acolher vinte mil pessoas em seu espaço interno dominado por grandes vitrais correspondendo aos quatro pontos cardeais que convergem ao teto em uma grande cruz, plena de luz, e um enorme Cristo aparentemente pairando sobre o altar. Dotada de uma capela situada atrás do altar, com vistas à realização de cerimônias religiosas acolhedoras de um número menor de fiéis, a Catedral, torna-se um ponto de expressiva centralidade quando do dia do padroeiro e possui museu, outras dependências e cripta em seu subterrâneo.

Passado e presente estão conectados e perpetuados na Sé. Como se sabe, com insistência, no Rio colonial, os sinos das igrejas repicavam em uma cidade que se comunicava através de sons. Dos santuários partiam e chegavam as procissões que se constituíam em um dos pontos altos das relações sociais em uma urbe carente de eventos e marcada pela pobreza do espaço coletivo. Esses grandes ajuntamentos de emoção partilhada em "harmonia coletiva" (MAFFESOLI, 1997, p. 176), ainda hoje persistem alastrando-se pelo espaço coletivo, sob a forma de cortejos, provocando fluxos intensos de fiéis, como pode ser verificado no dia do padroeiro da cidade, quando o cortejo inicia o seu périplo em um outro templo dedicado a São Sebastião, edificado

na Rua Haddock Lobo, no bairro da Tijuca, e avança sobre as ruas Frei Caneca, Henrique Valadares, entre outras, e, na Avenida Chile, soma um maior número de fiéis, saídos da Catedral em direção à Glória, na Zona Sul da cidade. Durante muitas décadas neste bairro, na Praça do Russel, dominada por uma gigantesca estátua do santo padroeiro, aconteciam solenidades sagradas e profanas e festas de premiações a quem se destacou nas artes e na literatura, de acordo com a postura da Igreja Católica. Hodiernamente, a procissão no dia do Padroeiro encerra o seu itinerário no interior e nas circunvizinhanças do templo-Catedral.

Com efeito, nas igrejas e, em particular, na Catedral, efetivaram-se celebrações de soberanos, enterros de nobres e a guarda de toda uma documentação sobre os habitantes e a própria cidade do Rio de Janeiro. No subsolo da Sé encontram-se, no Arquivo Arquidiocesano e no Museu de Arte Sacra, documentos valiosos sobre momentos relevantes da Colônia ou do Império e entre peças, esculturas, móveis, roupas e telas, "o trono utilizado por D. Pedro II e a Rosa de Ouro oferecida pelo Papa Leão XIII à Princesa Isabel para celebrar a Lei Áurea, em 1888" (SIQUEIRA, 2003, p. 188).

Como visto, as diversas igrejas/catedrais do Rio de Janeiro seguiram o curso imposto pelas intervenções governamentais/urbanísticas ou em decorrência da imposição de suas próprias dificuldades. Inicialmente, a igreja instalou-se justamente no lugar de fundação da cidade ou no morro do Castelo, para onde fora transferida. Suas ruínas e a impossibilidade de restauração provocaram sua mudança para a igreja dos militares, por um pequeno período, e, desconcertantemente, para o templo de uma irmandade de negros livres e escravos, na época o maior da cidade e em condições de acolher a Catedral. Esta permaneceu, mais tarde, por um longo tempo, na Igreja do Carmo, em um dos pontos nevrálgicos da Área Central do Rio de Janeiro, como acima referido. A necessidade de expansão e a doação, por parte do Governo, de um terreno permitiram a edificação da atual Catedral da cidade em um descampado resultante da mutilação de uma elevação, justamente na Esplanada de Santo Antônio na qual encontram-se outros símbolos do poder como os prédios da Petrobrás, do antigo BNH (atual Caixa Econômica Federal) e do BNDES, afora o terreno da UFRJ no qual situam-se as Ventura Corporate Towers.

Diante do exposto, pode-se ressaltar, os templos, com distinção de catedral, acompanharam o crescimento da cidade, receberam reis, presidentes, prefeitos e personalidades diversas, além do Papa João Paulo II. Por algum tempo, foram transformados em cemitérios, bem como reduto de assembleias, pontos de encontros, festas, além de centros de solenidades religiosas. Por outro lado, sofreram ou foram reestruturados em razão dos choques provocados pela violência proporcionada pelas intervenções urbanísticas ou por estas "destruições criativas" (HARVEY, 1993) foram beneficiados, como no caso, convém repetir, da atual Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro.

À Guisa de Considerações Finais

Em suma, a grandiosidade de suas edificações, os acervos sobre a memória da cidade e a experiência repetida consagraram estes centros de devoção como lugares, amados, respeitados, referenciais geográficos, transformados em símbolos do espaço urbano carioca frequentados por fiéis e visitados por turistas de diversas procedências. Nestes termos, as toponímias, as canções dedicadas ao santo padroeiro, bem como as catedrais e seus espaços profanos adjacentes confundem-se com a própria alma da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Referências

ABREU, M. A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLAN, 1997.

ABREU, M. A. Geografia Histórica do Rio de Janeiro - 1502-1700. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos (IPP)/ Editora Andrea Jacobsen, 2010.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSTA, N. O Rio através dos séculos: a história da cidade em seu IV centenário. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1965.

ELMALAN, S. Villegagnon ou a utopia tropical. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

FERREIRA DOS SANTOS, E. No meio do caminho há uma Cidade Nova. Dissertação de mestrado (orientador J. B. F. de Mello). Rio de Janeiro, ENCE/IBGE, 2003

GERSON, B. História das ruas do Rio. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1993.

LATIF, M. B. Uma cidade nos trópicos – São Sebastião do Rio de Janeiro. Ed. AGIR, Rio de Janeiro, 1965, p.231.

LESSA, C. O Rio de todos os Brasis. Rio de Janeiro, Record, 2000.

MAFFESOLI, M. A Transfiguração do político – a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MARIZ, V.; PROVENÇAL, L. Villegagnon e a França Antártica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MELLO, J.B.F. de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

_____. Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade – o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

ROSENDAHL, Z. Hierópolis: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

SEAMON, D. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: BUTTIMER, Anne and SEAMON, David (eds.). The Human Experience of Space and Place. New York: St. Martin's Press, 1980, pp. 148-165.

SIQUEIRA, R. Igrejas do Rio de Janeiro. História e devoção. Rio de Janeiro: Luminatti Editora, 2003.

TELLES, A. C. S. Guia dos bens tombados da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

TUAN, Y. F. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. F. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. Dominance and Affection: The Making of Pets. New Haven: Yale University Press, 1984.

Artigo encaminhado para publicação em dezembro de 2012.

Artigo aceito para publicação em dezembro de 2012.